

# A presença (ou ausência) das mulheres artistas nos livros de História da Arte e seu impacto na abertura de espaços e oportunidades para mulheres hoje

## The presence (or absence) of women artists in books of History of Art and their impact on opening spaces and opportunities for women today

Débora Teixeira Falcão de Oliveira  
[deboratriz@gmail.com](mailto:deboratriz@gmail.com)  
Universidade Castelo Branco  
Rio de Janeiro, Brasil  
ORCID iD [0009-0002-5362-8566](https://orcid.org/0009-0002-5362-8566)

DOI [10.34623/6twz-x647](https://doi.org/10.34623/6twz-x647)

Artigo recebido em 2023-12-07  
Artigo aceite em 2024-02-20  
Artigo publicado em 2024-02-29

### Como citar e licença

Teixeira Falcão de Oliveira, D. (2024). A presença (ou ausência) das mulheres artistas nos livros de História da Arte e seu impacto na abertura de espaços e oportunidades para mulheres hoje. *Rotura – Revista de Comunicação, Cultura e Artes*, 4(1). Obtido de <https://publicacoes.ciac.pt/index.php/rotura/article/view/219>

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

### Resumo

Este artigo objetiva relacionar a maneira patriarcal da história da arte ser apresentada nos livros e a forma de expor artistas atualmente, a fim de encontrar soluções práticas para diminuir essas desigualdades no mercado da arte, apontando para mudanças estruturais na Educação Básica. Teve como impulsionador a análise do livro do Sistema Trilhas (2019), para 9º ano do Ensino Fundamental, com um capítulo direcionado às artistas enquanto outros tratavam de conteúdos sem citações femininas, ocasionando uma pesquisa em outros livros didáticos e resultando no título deste artigo. Como referências foram utilizados estudos de contribuições femininas com nomes suprimidos nos livros didáticos da Educação Básica e a apresentação de várias mulheres que contribuíram para a História da Arte desde o Renascimento até a Contemporaneidade. Como metodologia, o cruzamento de estatísticas de exposições em museus e galerias feitos pelo Museu de Arte de São Paulo, Grupo Guerrilla Girls e as pesquisadoras Dra. Ana Paula Simioni e Dra. Linda Nochlin, relatados neste artigo, com o levantamento de eventos culturais realizados na capital pernambucana, através da Agenda Cultural do Recife nos meses de janeiro a dezembro nos anos de 2019 a 2023.

### Palavras-chave

Arte produzida por mulheres · Incentivo às artistas femininas · Desigualdade de gênero nos espaços culturais · História da Arte escrita por homens · Mulheres na História da Arte

**Abstract**

This article aims to relate the patriarchal way Art History is presented in books and the way artists are currently exhibited, in order to find practical solutions to reduce these inequalities in the art market, pointing to structural changes in Basic Education. The driving force was the analysis of the *Sistema Trilhas* book (2019), for the 9th year of Elementary School, with a chapter aimed at artists while others dealt with content without female citations, leading to research in other textbooks and resulting in the title of this article. As references, studies of female contributions with names suppressed in Basic Education textbooks and the presentation of several women who contributed to the history of art from the Renaissance to contemporary times were used. As a methodology, the crossing of statistics on exhibitions in museums and galleries carried out by the São Paulo Museum of Art, Guerrilla Girls Group and researchers Dr. Ana Paula Simioni and Dr. Linda Nochlin, reported in this article, with the survey of cultural events held in the capital of Pernambuco, through the Recife Cultural Agenda in the months of January to December between the years 2019 and 2023.

**Keywords**

Art produced by women · Encouragement of female artists · Gender inequality in cultural spaces · History of Art written by men · Women in Art History

**Introdução**

Século XX, período cheio de mudanças na sociedade. Mudanças essas provocadas por diversos fatores: duas guerras mundiais, industrialização, popularização da cultura de massa, avanços da tecnologia e ciência, advento da internet. A visão do papel social também veio sofrendo mudanças com as ondas feministas nos séculos XIX e XX, refletindo-se na arte produzida já nas vanguardas do Século XX, passando pela arte contemporânea produzida a partir dos anos 1950, da Pop Art até atualmente, principalmente os debates feministas da década de 1960 (Tvardovskas, 2015). Mas, ainda assim, o espaço que a mulher ocupa nas artes de um modo geral, se olharmos para a quantidade de exposições anuais de artes visuais por exemplo, é inferior à quantidade de lutas feministas por igualdade de direitos na história, se relacionarmos as décadas de busca por oportunidades em relação

aos homens com a disparidade de exposições entre homens e mulheres em museus e galerias de arte, como mostra o levantamento feito pelo grupo Guerrilla Girls e pelo MASP, sendo 6% das obras expostas pelo Museu de autoria feminina em 2017 – 5% em uma média mundial (Guerrilla, 2017).

Realmente houve grandes mulheres nesse meio? Quando vamos pesquisar, é difícil encontrar informações sobre o assunto em literatura especializada. Livros de grandes editoras no meio artístico não trazem de maneira satisfatória os nomes dessas mulheres. Um exemplo disso é a série de livros *Basic Art Series*, originais da Editora Taschen, com 102 livros, onde cada um deles se dedica a um grande artista diferente da história, sendo 97 homens e apenas 5 mulheres (Frederiksen, 2014). Na perspectiva de publicações sobre a História da Arte como um todo, o espaço que lhes é destinado é bastante inferior à quantidade de artistas no geral, sobrando apenas uma menção pífia do que realmente importa, a exemplo do livro *A História da Arte* (Gombrich, 2018), que em 502 páginas, apenas uma mulher é citada – a pintora e ilustradora Käthe Kollwitz – com uma menção breve, e uma única imagem de um de seus trabalhos é apresentada entre um total de 413 imagens de obras de artistas variados, vários com mais de uma obra exposta.

Enquanto observamos esse espaço desigual na literatura especializada, percebemos o desequilíbrio na diversidade de oportunidades para artistas nos eventos culturais e exposições, de acordo com levantamento dos eventos da Agenda Cultural do Recife, por exemplo, um dos objetos de estudo deste artigo, onde apenas 37% das exposições de artes visuais no Recife e Região Metropolitana foram de artistas femininas (Constantino et. al, 2023). De igual modo ocorre em Brasília e no Distrito Federal e em todo o Brasil, de acordo com levantamento do site Metrôpoles, endossado pela Rede de Mulheres das Artes Visuais do Distrito Federal e pela professora Luisa Günther Rosa do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (Ribeiro, R. M., 2019). Existiria uma relação entre a supressão dos nomes das mulheres nos livros de História da Arte e a presença (ou ausência) destas nos espaços atuais de fomento à arte e cultura?

A partir dos levantamentos apresentados – MASP, Guerrilla Girls e site Metrôpoles – chegamos a núme-

ros que apontam a desigualdade de gênero nas exposições atuais. Em exposições de artes visuais, estatísticas mundiais apresentam média de 6% de autoria feminina (Guerrilla, 2017), nacionais 17% (Ribeiro, R. M., 2018) e na Cidade do Recife e Região Metropolitana 37% (Constantino et. al, 2023), apontando o quanto essa desigualdade afeta essa produção, mesmo havendo eventos dedicados a esse fim, como as mostras Rosa dos Ventres e Recife Por Elas, realizadas em março de 2023 em Recife, com 100% de autoria feminina (Constantino et. al, 2023).

Conhecer a história e seu contexto cultural, como foi contada nos livros e por quem, nos faz compreender as razões pelas quais existe essa diferença na quantidade de oportunidades para homens e mulheres. A desconstrução do pensamento atual e da maneira como esses espaços abrem suas portas para as obras artísticas deve ser realizada estruturalmente, e não apenas sintomaticamente, como tem sido feito com mostras específicas – a exemplo das mostras feministas recifenses Mulher de Cinema e Sétima Arte Feminina, além das já citadas, durante o ano de 2023. E não há nada mais efetivo do que Educação. Várias medidas serão abordadas a este respeito neste trabalho, para chegar a este fim.

### **1. Onde estão as mulheres na História da Arte?**

Retratista oficial na corte do Papa Paulo V, recebendo em 1605 do pontífice a nomeação de Retratista Ordinária do Vaticano, executando pinturas religiosas em larga escala, além de nus femininos e masculinos, sustentando a casa com suas pinturas em plena efervescência do Renascimento. Estamos falando de Lavinia Fontana, uma mulher (Lavinia Fontana: uma das primeiras mulheres a viver de arte, s.d.). Ela era casada, seu esposo cuidava da casa e, muitas vezes, a ajudava em elementos menores de suas pinturas (Commire, 1999). Foi patrocinada por três papas – Gregório XIII, Clemente VIII e Paulo V, entre 1585 e 1614 – e se destacou como a primeira mulher a pintar retábulos públicos em grande escala e nus femininos (Brady, 2023). Mas não é comum citá-la em livros didáticos de História da Arte na Educação Básica – foram analisados os sistemas educacionais de Ensino Fundamental II: Trilhas 2019 e 2023, Bernoulli 2020 e 2021, FTD 2021, Poliedro 2022 e 2023,

e GGE 2024. Seu nome também não foi citado em avaliações oficiais do Brasil, como o Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM e o Sistema Seriado de Avaliação (primeira, segunda e terceira etapas) da Universidade de Pernambuco, sendo analisadas avaliações de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Ciências Humanas entre os anos 2009 e 2019. E Lavinia Fontana não é a única artista da história a ter seu nome suprimido ou esquecido nos livros didáticos da Educação Básica.

Um exemplo é Fede Galizia, a autora da primeira natureza-morta atribuída a um artista italiano – obra Tigela com Ameixas, Peras e Uma Rosa, de 1602 (Fortunati et al., 2007). Inclusive, muitas das pinturas de natureza-morta que vemos hoje foram influenciadas por suas ideias (Carioli, 1998). Durante o período dos Mecenas – do século XV até o ano de 1737 (Castanheira, s.d.) –, a corte da família Médici foi patrocinadora de vários artistas, entre eles a pintora Artemisia Gentileschi e a musicista e compositora Francesca Caccini. Gentileschi foi a primeira mulher a ser admitida na Academia de Belas Artes de Florença, tendo contato com Galileu Galilei e sendo convidada pelo sobrinho de Michelangelo a contribuir com a pintura do teto da casa Buonarroti (Silva, L. R. G., 2018).

Essas mulheres abriram as portas para que mais mulheres se sentissem seguras a ingressar na carreira artística. Durante o período Barroco, destacou-se Elisabetta Sirani, que chegou a abrir uma academia de artes para mulheres no início da Idade Moderna (Dill, 2021). Ela pintou tantos quadros em tão pouco tempo que foi acusada de usar outros pintores e não ser autora de todos. Em contrapartida, no dia 13 de maio de 1664, Sirani convidou seus acusadores a assisti-la pintar um retrato de uma só vez (NMWA, s.d.). Mas essa não foi sua única maneira de entrar para a história – embora poucos livros a mencionem. Ela sabia que a pintura de retratos era o gênero artístico mais esperado de artistas mulheres, e transformou seus temas em alegoria, obrigando os espectadores a buscarem o significado de determinadas formas ou simbolismos (Commire, 1999). Já Mary Beale foi provedora de sua família a partir do negócio artístico (Draper, 2015). Foi a primeira mulher a escrever um livro de instruções artísticas – com o título Observações, em 1663, sobre materiais e técnicas, sendo o primeiro texto instrucional em língua inglesa escrito

por uma mulher (2012) –, embora nunca tenha sido oficialmente publicado. Com essa atitude, Beale confirma sua autoridade artística e profissional. Sua pintura é “elogiada” por críticos da época como sendo “masculina” (sic.) – um termo utilizado para “elogiar” mulheres quando realizavam um bom trabalho, como se o realizassem “tão bem quanto um homem” (Clayton, 1876).

No Rococó, Rosalba Carriera viajava para atender a várias encomendas, e chegou a formar um novo gosto aristocrático com seu trabalho cheio de liberdade e abundância de cores injetadas no estilo (Russo, s.d.), utilizando pastel, sendo uma autoridade na técnica, expandindo sua utilidade na época e influenciando diversos artistas no estilo mesmo após sua morte (Kleinman, 2010).

Berthe Morisot, no Impressionismo, expôs ao lado de Paul Cézanne e Claude Monet, tendo seus trabalhos elogiados pelo *Le Figaro*, como a obra *Mulher no Toalete*, exposta no Salão de Paris em 1880, e foi considerada pelo *Le Temps* como a “verdadeira impressionista do grupo” (Brito, 2019). Ainda assim, em seu atestado de óbito foi registrado “sem ocupação”, ao invés de “artista” (Leite, 2012).

Durante as vanguardas europeias e estadunidenses, várias mulheres passaram a ter mais visibilidade. Podemos citar alguns nomes importantes, como Gabriele Münter e Marianne Von Werefkin no Expressionismo, Marie Laurencin e Natalia Goncharova inovando no Cubismo e Benedetta Cappa no Futurismo, autora da frase: “Eu acredito que a alma feminina está no alvorecer de sua expressão artística... sem copiar as experiências dos homens” (Zoccoli, 2003, p. 69). Na arte contemporânea, mais mulheres aparecem, embora os principais nomes a serem estudados ainda sejam masculinos, como Andy Warhol e Roy Lichtenstein na Pop Art, enquanto as escultoras Marisol Escobar e Rosalyn Drexler, e as pintoras Evelyne Axell e Pauline Boty não são citadas nos livros didáticos já mencionados.

Se ainda é possível citar tantas mulheres que, através de pesquisas mais aprofundadas, podemos conhecer seus trabalhos, por que elas raramente são citadas em livros didáticos atuais? Por que seus nomes não aparecem quando estudamos as principais técnicas dos estilos históricos marcantes, ou quando deveríamos conhecer suas importantes contribuições para determinado estilo e época?

A grande pergunta irônica lançada por Nochlin (2016), “Por que não houve grandes artistas mulheres?”, e seu apontamento de esta pergunta gerar uma conclusão de que não há grandes artistas mulheres devido à falta de capacidade de produzir obras grandiosas joga a problemática atual: Por que os livros atuais não possuem citações e estudos dessas grandes artistas? Não é difícil compreender essa falta de menções em sua época. A própria sociedade contemporânea a elas era baseada em conceitos patriarcais e machistas (Simioni, 2004), que viam a mulher com um único propósito: procriar e servir, cujos sonhos deveriam estar atrelados ao bem estar da família e constituição desta (Milek, 2021). Não era permitido às mulheres de algumas épocas exercerem profissão, de modo que muitas de suas obras foram atribuídas aos seus pais ou maridos, como no caso de Marietta Robusti, cuja maioria das telas foi atribuída a seu pai (Bryan, 1889), ou ter a autoria de suas obras questionada, como Elisabetta Sirani (NMTA, s.d.).

Mas não se pode conceber que, após tantos anos, ainda exista restrições aos nomes dessas mulheres nas novas edições literárias sobre o assunto, ou nas aulas de História da Arte nos ensinos Fundamental e Médio. Parece ser natural para o grande público e para a sociedade não haver nomes femininos entre os grandes nomes como Da Vinci, Caravaggio ou Vermeer. A aparência de que só tivemos grandes mulheres produzindo arte a partir da era contemporânea, com artistas como Yoko Ono, Yayoi Kusama, Tomie Ohtake e Marina Abramovic, viria da frequência das citações nos livros didáticos de História e História da Arte do Ensino Fundamental e História e Literatura do Ensino Médio entre elas comparadas às artistas mais antigas?

As representações das mulheres de maneira reduzida não é observada somente nos livros didáticos de História da Arte, mas em outras áreas, como dizem as pesquisadoras Probst & Rambaldi (2017) ao analisarem essas representações em publicações escolares nas décadas de 1970, 1980 e 2000, apontando a relação entre ideologias vigentes e escolhas do material a ser utilizado na Educação Básica. As mudanças foram notadas nas análises feitas nos livros de 2006, apresentando mais informações sobre a participação das mulheres e suas contribuições, diferentemente das décadas anteriores, com simples citações – quando

citadas –, sem protagonismo ou contribuições de maneira ativa.

Daí, não ver tantas obras de autoria feminina quanto temos nomes masculinos pode parecer algo natural para a maioria das pessoas que não fazem esse tipo de reflexão ou não são estimuladas ao debate na educação. Esse apagamento é pauta de discussões levantadas por mulheres no mundo inteiro, a exemplo do grupo Guerrilla Girls, que vem questionando desde 1985 através de intervenções artísticas urbanas. Mas sem o processo educacional, trazendo desde cedo a apresentação de mulheres importantes e suas contribuições, não somente para a História da Arte como outras áreas sociais, questionar a ausência ou pouca visibilidade de nomes femininos na arte e na História acaba se tornando algo pontual.

Obviamente, não encontraremos na história passada mulheres artistas que se equiparem a Michelangelo ou Da Vinci, como bem menciona Nochlin em seu artigo (2016), devido às grandes dificuldades de acesso dessas mulheres aos estudos formais. Poucas conseguiram chegar a esse acesso, como Artemisia Gentileschi, na Academia de Belas Artes de Florença; Angelika Kauffmann, membro fundadora da Academia Real Inglesa; Rosa Bonheur, cuja família lhe proveu educação igual para filhos homens e mulheres. Algumas artistas importantes, como Mary Cassat e Berthe Morisot, apesar de terem dinheiro para pagar instrutores, não podiam receber instrução formal simplesmente por serem mulheres. Claro, essa dificuldade também se refletiu em outros aspectos sociais, como serem omitidas, por exemplo, a sua influência e contribuição para a arte de seu tempo. O que não justifica a menção mínima de seus nomes nos livros atuais.

O fato de o machismo estrutural trazer uma História da Arte onde predominem obras de homens, como capítulos em livros didáticos sobre Pop Art mencionando Andy Warhol, Roy Lichtenstein e Richard Hamilton, e omitindo Rosalyn Drexler e Pauline Boty; ou ainda apresentar o Impressionismo mencionando Edouard Manet, Claude Monet e Pierre-Auguste Renoir, e omitindo Mary Cassat e Berthe Morisot; esses apagamentos ou reduções dos nomes femininos durante a formação do ser humano na Educação Básica, ainda presente em livros didáticos como os mencionados anteriormente, pode ter

influência na desigualdade de gênero presente nas exposições de obras artísticas hoje, como apresenta o levantamento do grupo Guerrilla Girls (2017). Isso porque a Educação Básica “proporciona uma base sólida para a formação de cidadãos conscientes e participativos na sociedade” (A importância da Educação Básica, 2023).

## **2. Onde estão as mulheres nos espaços atuais de fomento à arte e à cultura?**

Podemos começar com os números: 76% é o número de nus femininos em obras de arte em museus e galerias do Brasil em sessões de Arte Moderna. Em contrapartida, 5% é o número de artistas mulheres exposto nestes museus nas mesmas sessões. Uma média devastadora, uma diferença gritante. Este é o levantamento feito em 2017 pelo grupo Guerrilla Girls (Mourão et al., 2017), que vem lutando desde 1985 por mais oportunidades para artistas mulheres. O questionamento que elas deixaram em outdoors do mundo inteiro ainda permanece: “É preciso estar nua para entrar num museu?” (sic.).

Segundo o levantamento feito por Simioni (2011) em alguns museus do Brasil, esses números são preocupantes. No Museu de Arte Contemporânea (MAC) da Universidade de São Paulo (USP), 29% dos artistas do acervo em exposição são mulheres. Já na Pinacoteca de Inhotim e Coleção Mário de Andrade, elas são 20%, e a Coleção Freitas Vale chega a terríveis 6% entre os artistas expostos.

Em levantamento a partir da Agenda Cultural do Recife de janeiro a novembro de 2019 (Constantino et. al, s.d.), das 648 exposições de artes visuais na Cidade do Recife e Região Metropolitana, 58% eram de artistas homens ou dirigidos por homens. Dos 313 espetáculos teatrais, apenas 26% foram dirigidos por mulheres. Na dança, o número de espetáculos dirigidos e coreografados por mulheres foi de 42%. E é na música que este número fica ainda mais absurdo. Apenas 24% das apresentações foram femininas.

Tivemos, sim, muitos eventos com temática feminista. E alguns deles, como é o caso do espetáculo Trilogia do Femicídio, que apresenta três casos reais de feminicídio, ou o Solo Medusa, no Festival Pela Vida das Mulheres, foram dirigidos por homens. Em alguns casos de debates, de conjunto de autores num lançamento ou palestrantes, o número de homens presentes é sempre maior. Apenas no mês

de março nos espetáculos de dança e exposições de cinema ocorreu de termos números iguais entre homens e mulheres – 50% de apresentações para direção masculina e feminina.

Obviamente, tivemos períodos em que o número de mulheres excedeu o número de homens na direção de espetáculos, de filmes, autorias de exposições de artes visuais e lançamentos de livros. E esse período é facilmente explicável: o mês de Março, com o Dia Internacional da Mulher e o Mês Internacional da Luta Pela Vida da Mulher. Em 2023, das 9 exposições de artes visuais, 7 eram de mulheres; das 40 exposições de cinema, 36 foram de direção feminina; das 33 apresentações de teatro, 27 foram de direção feminina; dos 18 debates, rodas de conversa e ministrações de cursos realizados durante este mês, 14 ministrantes eram mulheres. Ainda assim, essa abertura não foi suficiente para compensar ou se igualar à quantidade de projetos masculinos no restante do ano, quando tivemos um total de 63% de exposições de artes visuais de autores homens, 63% de espetáculos teatrais de diretores homens, e um total de 61% de projetos com protagonismo masculino em todos os eventos culturais na cidade de Recife, de janeiro a novembro de 2023 (Constantino et. al, 2023).

Será que esta estatística representa que as mulheres não estão produzindo nada de relevante nos campos artísticos? Será que existem tão poucas mulheres musicistas, diretoras, cineastas, pintoras e escultoras? Será que estes números revelam a incompetência feminina ou apenas a falta de oportunidades?

### **3. Relação entre história e desigualdade de gênero nas exposições atuais**

Mulheres no mundo inteiro têm buscado mais colocação na sociedade. Seja esta na vida profissional comum, o que acontece há bastante tempo, seja na cultura e nas artes, como Louise Bourgeois na década de 1960; Judy Chicago e Martha Rosler na década de 1970; Barbara Kruger e o coletivo Guerrilla Girls na década de 1980; Candice Breitz e Alexandra Gallagher na atualidade (Sabioni, 2018).

Essa busca reflete luta e resistência por parte das mulheres, cuja história traz uma trajetória de desigualdades. Desde a luta das sufragistas e sua busca pelo voto feminino às lutas por igualdade

de direitos civis, chegando à contemporaneidade, com mulheres que lutam por seus espaços sociais, como Djamila Ribeiro, destaque no ativismo negro do Brasil; Bia Kern, ativista e criadora da ONG Mulher em Construção; e outras formas de ativismo, como a Marcha das Margaridas e a Marcha das Mulheres Negras, que ocorreu em 2015, onde milhares de militantes marcharam até Brasília pelos direitos das mulheres (Diniz, 2016), podemos ver as mulheres lutando por igualdade de oportunidades nas diversas áreas sociais.

Desde o Renascimento até atualmente, temos uma trajetória de lutas das artistas, muitas tendo que provar sua capacidade, como foi o caso da Elisabetta Sirani, acusada de utilizar aprendizes para pintar suas obras e assiná-las (NMTWA, s.d.). A luta é mais profunda do que ser ou não capaz diante da sociedade, mas ainda assim, muitas se veem nessa situação, o que não é uma coisa nova. Essa luta chegou aos espaços de fomento à arte e cultura. Durante o ano de 2023, espaços culturais no Recife ofereceram vários momentos de discussão sobre o assunto, como podemos destacar a roda de conversa Mulher Carne, o Seminário Conversas sobre Artes e Maternagens e o Seminário Mulheres Negras, levantando a pauta da presença (ou ausência) de mulheres na arte, o seu apagamento e as oportunidades desiguais. Em 2019, a obra Peça a Peça, de três artistas pernambucanas, no Instituto Ricardo Brennand, promoveu uma roda de conversa com a antropóloga Nara Galvão sobre a representação da figura da mulher na História da Arte; e a Antena ParAurora no Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM) promoveu o debate sobre as construções sociais de gênero, visibilizando as produções artísticas das mulheres recifenses. Isso mostra preocupação com essa desigualdade provocada por séculos de patriarcado na cultura, na sociedade, nas artes, e a busca por reverter esse processo, ou ao menos compensar essa diferença, trazendo maior equilíbrio de oportunidades entre os gêneros.

Criar novos movimentos, eventos com palestras, rodas de conversa e informações ajudam na discussão dessa pauta, mas ainda estamos muito longe daquilo que seria o ideal: 50% ou o mais perto disso possível de oportunidades entre gêneros. Como pudemos ver nas estatísticas, em alguns momentos

e estilos chegamos perto, como nas Artes Visuais e na Dança – 42% – em Recife em 2019. Mas a disparidade ainda permanece em outros eventos no restante do ano.

Muitos desses eventos não são produzidos através de editais de seleção, ou seja, não tem a ver com um possível mérito, onde os artistas enviam material por meio de inscrição, e há a seleção dos melhores, e sim, com convite. Um exemplo são os shows musicais mensais do Taca Mais Música, que ocorrem no Shopping Tacaruna, cujos artistas são convidados pelos curadores diretamente aos agentes. Se isso acontece, por que esse convite não é equilibrado entre gêneros? A cada cem convites ou contratos para cantar/tocar em um evento no Recife, apenas vinte e quatro são para mulheres – anos 2019 e 2023. Na 19ª edição do Samba Recife, em 2023, festival de dois dias com três palcos e mais de vinte atrações, no primeiro dia apenas uma mulher no palco principal: Marvilla. No Palco Experimenta, das 15 atrações locais, apenas uma mulher: Gabi do Carmo (Bento, 2023).

Podemos dizer que não se trata de algo deliberadamente machista, mas uma construção de gênero estruturada ao longo dos séculos de civilização patriarcal, onde o que define a qualidade de algo é a autoria masculina (Clayton, 1876).

Historicamente, a mulher vinha sendo preterida em relação ao homem, e partiu de quando não tinha espaço nenhum até conquistar seu espaço aos poucos, por exemplo, no acesso à Educação, que até 1759 não lhe foi permitido estudar, sendo somente em 1879 permitido às mulheres estudar numa universidade (Fernandes, 2019). Da mesma maneira ocorreu na luta pelo direito ao voto. A primeira mulher a votar no Brasil foi Celina Guimarães Viana, em 1927, por ter encontrado uma brecha na lei, mas o direito ao voto para todas as mulheres só veio em 1932 após muitas pressões (Diniz, 2016), embora movimentos sufragistas no país ocorressem muito antes, com a luta de Leolinda Daltro e a criação do Partido Republicano Feminino em 1910 e a Passeata do Movimento Sufragista no Brasil em 1917 (Karawejczyk, 2014).

A lista de indicados ao Oscar de 2024 a melhor Direção traz, dentre os cinco, apenas uma mulher: Justine Triet, pelo filme *Anatomia de uma Queda*. Em 2021 pela primeira vez na história do prêmio,

duas mulheres são indicadas na categoria. Em 95 edições do Oscar, apenas sete mulheres concorreram na categoria – contando até o ano de 2023 –, e apenas três delas ganharam o prêmio (Cordeiro, 2023). Seria reflexo da falta de oportunidades para mulheres em toda a cadeia produtiva do cinema, da falta de oportunidades para mulheres no prêmio em específico, ou da visão de que o trabalho de direção de cinema é para homens e poucas mulheres buscam este espaço?

A desconstrução de tanto tempo de história começa com a própria história. A pouca representatividade nos livros didáticos da Educação Básica é uma maneira de se perpetuar esse machismo estrutural, trazendo naturalidade na convivência com a ausência de mulheres nos campos artísticos. Meninos podem crescer com a naturalidade dessa desigualdade, e meninas podem acreditar que nunca serão capazes por serem meninas, ou que este espaço não lhes é destinado, mesmo que seja inconsciente. Quantas vezes vimos com espanto a presença feminina em áreas de trabalho consideradas “masculinas” ainda atualmente? Não é diferente no meio artístico.

Não falamos do acréscimo de mulheres em livros didáticos apenas para que estejam lá. Falamos de mulheres que realmente fizeram a diferença, como Sofonisba Anguissola, que impressionou Van Dyke e foi mencionada por Vasari, o primeiro historiador da arte após a Idade Média (Vasari, 1912). Como ela, existem outras mulheres que chegaram a alterar padrões e influenciar estilos. Não queremos um capítulo específico sobre “A Arte das Mulheres”, como em vários materiais didáticos – a exemplo do Sistema Trilhas de Ensino, de 2019 a 2023 –, pois isso reforça a ideia de uma entrada feminina artificial nos livros, sem efetivamente participar deles. Como os homens são citados de maneira hegemônica nesses livros, sendo a maioria, isso traz aos estudantes a crença nessa diferença fictícia de potencial e habilidades entre os gêneros.

Se a história atual depende da maneira como é vista a história nos livros e aprendida na escola, então a transformação de atitudes hoje também depende da transformação da apresentação dessa história. A mudança começa nos livros didáticos, não apenas em eventos culturais. A mudança nos livros didáticos e, conseqüentemente, nos conteúdos pedagógicos com representações equilibradas dos gêneros, irá

contribuir para a formação do aluno como indivíduo, pois é transformando pessoas através da Educação que teremos o poder de transformar a sociedade para uma visão mais igualitária (Freire, 1999).

Uma das chaves para se chegar a uma mudança de mentalidade em relação à arte e à desigualdade de gênero está intimamente relacionada à Educação, pois através da Educação Básica será possível normalizar a presença das mulheres na vida social e apresentá-las na História e na História da Arte, estimulando a admiração não somente a personalidades masculinas, mas também femininas nos mais diversos campos sociais. Isto ocorrendo às gerações de alunos, da primeira infância à adolescência, contribuirá para suas futuras práticas e visões da sociedade como cidadãos inseridos no contexto onde há diversidade de gêneros. São essas pessoas que, no futuro, irão contratar, abrir editais e convites, trabalhar em curadorias e selecionar trabalhos artísticos das várias áreas. É trabalhando nas gerações que estão na escola hoje que poderemos, a longo prazo, ter uma sociedade de oportunidades para todos.

#### 4. O quanto de espaço está sendo cedido para as mulheres?

A primeira contagem do grupo Guerrilla Girls ocorreu em 1984, na exposição *Um Panorama Internacional da Pintura e da Escultura Recente*, do Metropolitan Museum de Nova Iorque. A exposição afirmava trazer um panorama internacional, com 165 artistas de 17 países, mas somente 13 eram mulheres. Foi quando o grupo começou seu ativismo, espalhando cartazes pela ilha de Manhattan com frases irônicas como as “vantagens” de ser uma artista, entre elas: “trabalhar sem pressão para o sucesso” e “não passar pelo constrangimento de ser chamada de ‘gênio’” (sic.). Em 2011, o grupo realizou uma recontagem, chegando a 4% de artistas mulheres nas áreas contemporânea e moderna dos museus, e em 2017, 5% numa média mundial e 6% no Museu de Arte de São Paulo (Guerrilla, 2020).

No ano de 2019, o MASP realizou duas importantes mostras, que integram o projeto *História das Mulheres, Histórias Feministas*. A proposta foi mostrar trabalhos realizados por mulheres que foram suprimidas da História da Arte, como as já citadas neste artigo. A primeira mostra – *História das Mulheres* – apresentou obras de mulheres até

os anos 1900, e a segunda – *Histórias Feministas* –, apresentou obras a partir dos anos 2000 – suprimindo nomes que já são comumente expostos e citados, como Tarsila do Amaral, por exemplo.

Essa exposição foi importante tanto pelo teor feminino, com exposição de mulheres desconhecidas do grande público, mas também no aspecto da dificuldade que as mulheres tinham para estudar, aprender e se destacar, dificuldade pela qual os homens não passavam. Essa diferença é mostrada em dois quadros da pintora Adrienne Grandpierre-Deverzy, que apresenta, no primeiro, uma aula de arte para mulheres, mostrando doze jovens lotando um ateliê, enquanto o segundo apresenta um homem pintando uma mulher nua num estúdio vazio. Essas duas obras mostram o quanto as mulheres tiveram dificuldades nas aulas em relação aos homens, e, ainda assim, tivemos mulheres brilhantes, cada uma em seu estilo, gênero e período. Porém, essas mulheres são raramente expostas em museus e galerias de arte pelo mundo, sendo esse o motivo da exposição.

Na arte brasileira, o fato de não haver fontes com profundidade sobre as mulheres atuantes não significa que não haja informações, mas apenas que essas informações sejam imprecisas e circunstanciais, devido aos escritores e historiadores serem homens, que, ao observarem as mulheres para escrever sobre elas, o fazem mediante estereótipos e generalizações (Almeida et al., 2022). Portanto, é preciso alterar a estrutura social desde as gerações mais jovens a partir da Educação Básica, quebrando a “identidade fabricada de gênero” através de uma pedagogia libertadora e questionadora, ao invés da perpetuação de um ensino baseado em gênero cultural (Almeida).

Quando o silêncio ecoa na instituição mais apropriada para se aprender sobre gênero, outras fontes podem ensinar; há um mundo fora da escola cheio de imagens, vídeos e monitores, variedades essas que podem influenciar o comportamento e as atitudes dessas pessoas nas suas interações sociais. (Almeida et al., p. 2)

A normalização da presença das mulheres nas várias áreas do conhecimento, apresentada através das disciplinas de História e Artes, além da promoção

do diálogo, do debate e da reflexão em sala de aula, da mudança nos planejamentos pedagógicos e do acréscimo de maneira equilibrada dessas mulheres nos livros didáticos da Educação Básica, são medidas a longo prazo, que poderão construir novas mentalidades nas próximas gerações a respeito de construções sociais de gênero e trazer novas oportunidades de trabalho em todas as áreas. Não é um pensamento utópico quando a Educação é sociedade. Se as pessoas são capazes de transformar o mundo, e a Educação é capaz de transformar pessoas (Freire, 1999), a maneira mais eficaz de se transformar a sociedade de uma posição patriarcal para uma posição justa e igualitária é através da Educação – e de maneira ainda mais específica: a Educação Básica.

### **Considerações finais: Mudando paradigmas**

Apesar de falarmos em “artistas mulheres”, não temos aqui o interesse em falar de “arte feminina”, um termo suscitado no Século XIX como uma categoria para a nova leva de obras de arte produzida por mulheres, como se enquadrássemos todas elas em um único bloco estilístico, e como se pudéssemos estudá-las como uma coisa só. Esse tipo de pensamento é fomentado quando criamos nichos, como salões e exposições exclusivos. A ideia aqui não é a segregação, consequência de uma tentativa frustrada de resolver um problema estrutural apenas buscando sanar os sintomas deste, sem pensar em soluções para corrigi-lo em sua raiz. A ideia é ter amplas e iguais oportunidades para todos os gêneros.

Quando fazemos exposições e eventos apenas com artistas mulheres, estamos justamente fazendo o contrário daquilo que queremos: centralizando o olhar do público para o gênero da autoria, trazendo-lhe um peso muito maior do que estética, técnica, estilo e conceito. Esse paradoxo já foi exposto anteriormente por Camille Morineau (2012), sobre a exposição *Elles* no Centre Pompidou, que em muito se parece com a exposição do MASP (2019), *Histórias das Mulheres, Histórias Feministas*. Exposições e eventos exclusivos abrem portas e chamam a atenção do público para essa diferença, mas se não houver um direcionamento estrutural, esses movimentos só acentuarão ainda mais.

No caso de uma exposição de pinturas feitas apenas por mulheres, a escolha das obras passou por

critérios de qualidade estética e relevância? Ou seria uma exposição com objetivo de agradar o público feminino e sanar a diferença gerada estruturalmente? Essas mesmas mulheres teriam espaço ao lado de artistas homens em uma exposição dedicada ao estilo, período ou técnica a qual fazem parte? Na exposição *Elles*, por exemplo, algumas obras estariam melhor expostas em outras categorias do que nas catalogadas por seus curadores (Simioni, 2011).

Não se trata de acabar com exposições e eventos exclusivos, mas buscar propriedade neles, organizando-os como complementação de ações estruturais, a fim de reduzir realmente as diferenças e trazer equilíbrio nas exposições artísticas.

Para começar, é preciso repensar as aulas da Educação Básica. As abordagens dos conteúdos por parte dos professores precisam expor mulheres na História e nas Artes em todos os conteúdos com sua contribuição. Isso trará mudanças na visão a médio prazo, pois os alunos terão contato apenas através da fala dos professores, e nem todos estão dispostos a fazer mudanças em suas metodologias. É um começo promissor, até a próxima etapa ser implantada.

Esta etapa se trata da mudança dos livros didáticos de História e Arte e de bibliotecas especializadas, trazendo resultados a longo prazo. E esse tipo de medida é efetiva, pois a hipótese do ser humano crescer vendo mulheres protagonizando a História em seus livros leva à diminuição da visão machista e opressora geração a geração. Torna-se mais fácil e natural para indivíduos perceberem a arte feita por homens e mulheres igualmente na sociedade quando essa visão é exposta desde a infância e adolescência. Este é o um passo importante para se mudar a estrutura social: a educação das novas gerações.

Em terceiro lugar, é preciso cobrar das autoridades brasileiras – e aqui estamos tratando exclusivamente de nosso país – que os exames e avaliações nos níveis Fundamental, Médio e Superior, como ENEM, ENADE, Institutos Federais e escolas técnicas em todo o Brasil abordem não só a arte feita por homens, mas também a feita por mulheres, bem como atuações históricas.

O Ensino Médio costuma focar seus conteúdos nas avaliações oficiais, deixando os não abordados de lado, devido ao grande número de carga horária

a ser coberta pelos professores. Com a implantação do Novo Ensino Médio, o aumento da carga horária técnica e alterações na carga de disciplinas de Linguagens e Ciências Humanas desde 2018 (MEC, s.d.), muitos alunos saem da Educação Básica focados apenas na construção do cidadão profissional, enquanto como cidadão reflexivo de sua posição social é deixado de lado, e este é um dos muitos motivos pelos quais está havendo pressão ao Governo Federal para a sua revogação e proposta de outro modelo (Mendes, 2023).

Em contrapartida, quando um conteúdo passa a ser recorrente nas avaliações, as editoras atualizam seus materiais, adequando-os às novas normas. Todas essas mudanças são regidas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD, s.d.), que a cada ano autentica as produções editoriais dentro de normas pré-estabelecidas. Pressionar politicamente, de forma organizada, os membros do MEC, que gere o PNLD, e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), que elabora e organiza o processo seletivo do ENEM, fará com que as editoras se adequem a essa nova realidade, fazendo alterações substanciais e significativas nos livros didáticos, tanto do Ensino Médio quanto do Ensino Fundamental, proporcionando mais qualidade na educação de gênero nas escolas.

Em quarto lugar, aliado a essas mudanças, maior inclusão nos catálogos de museus e galerias, e nas pautas de cinemas e teatros, de artistas mulheres, de modo que haja equilíbrio nesses espaços culturais. Para tal, uma sugestão é haver mais Leis de Incentivo à Cultura estaduais e federais com foco em seleções com equilíbrio entre gêneros. Nesse caso, as prefeituras e governos não iriam focar num incentivo somente para exposições e eventos com autoria feminina, mas em incentivos para produtores que buscarem igualdade entre os artistas de uma exposição. Os editais teriam vagas iguais para eventos de autoria masculina e feminina, devendo ser preenchidas entre as inscrições enviadas, havendo maior campanha de divulgação dessas vagas para que mais produtores possam enviar projetos de autoria feminina, evitando, assim, sobreposição de inscrições masculinas nos editais.

É importante ressaltar a ocorrência de diversos movimentos em direção a este objetivo, com debates e eventos voltados para as pautas feministas na

arte, embora a maior parte deles ocorram no mês de março, como as já citadas Rosa dos Ventres e Recife por Elas em 2023, Entremoveres em 2019 e a maioria das mostras feministas do Brasil. Precisamos de mais discussões e debates durante todo o ano.

A abordagem do tema em palestras, mostras, rodas de conversas e debates, como já se tem feito, é mais uma maneira de ajudar nesse combate à desigualdade. Mas deve-se ampliar essas ações para toda a comunidade, e para todo o ano, não somente dentro de museus e galerias, em feiras literárias ou no mês de março.

Nada melhor do que a própria mulher para debater o assunto. Rodas de conversa e eventos com este foco devem ser mediados por mulheres. É interessante termos obras teatrais e espetáculos que abordem o tema e que sejam escritos e dirigidos por homens, pois isso mostra que estamos gerando discussão e informação abrangente. Mas devemos nos lembrar de que o lugar de fala, neste caso, sempre vai pertencer à mulher (Ribeiro, D, 2017). Portanto, se estamos em um evento cujo principal mote é a luta por espaços pela mulher, deveremos dar prioridade a elas. Além disso, devemos pensar em diversidade de gênero para além da binariedade, alcançando também outros gêneros, como os não binários, fluidos e agêneros, além de pessoas trans. Essas pessoas existem no campo das artes e também precisam de incentivo e oportunidades.

É importante mantermos uma arte plural e diversificada, e isso inclui também, claro, arte feita por homens, mas devemos entender que os espaços já vêm sendo ocupados historicamente por eles, e é necessário dividir novamente. Isto significa que ou devem ser criadas novas oportunidades para que mulheres possam expor e se apresentar, ou diminuir essa quantidade de espaço destinada a homens. Não existe outro tipo de matemática. Quando se trata de igualdade, é preciso diminuir um lado para aumentar o outro, a fim de que ambos tenham a mesma partilha.

Como tem sido abordado neste artigo, muito ainda precisa ser feito. E, principalmente, é necessário entender que não estamos em busca de espaço para “arte feminina”, mas a compreensão de curadores e da sociedade de que vivemos uma consequência de séculos de opressão e supressão. E isto se reflete nessa falta de abertura – ou abertura insuficiente

– de oportunidades para as mulheres. Queremos ver obras de qualidade, obras que sejam lidas por seu conteúdo e estética, e não pelo gênero de sua autoria. Assim como é feita a leitura com as obras de artistas homens.

Ninguém pensa na Mona Lisa como sendo uma obra “feita por um homem”, e sim, uma obra de Leonardo da Vinci, com técnica representativa do Renascimento. Mas quando vimos uma obra como “A Partida de Xadrez” de Sofonisba Anguissola, é comum ser exposta apenas como “uma obra feita por uma mulher no Renascimento” – como ocorrido no livro didático Trilhas para o 9º ano, no capítulo para mulheres, e o gênero da autoria fala mais alto do que a técnica, estilo, genialidade da artista, conquista na Europa e como os nobres cobiçavam seus quadros, dando-os de presente por não poder assiná-los ou vendê-los enquanto trabalhava como dama de companhia para a Rainha Isabel da Espanha (Anchieta, 2019).

Para diminuir a desigualdade de gênero em exposições, precisamos pensar a curto, médio e longo prazo. O que tem sido feito – palestras e debates – é um trabalho a médio prazo: conscientização da população que já frequenta museus e galerias e, provavelmente, o público que já tem essa visão, não transformando a sociedade como um todo. As exposições exclusivas é pensar a curto prazo, forçando o remédio para a situação em que vivemos. Algo que não resolve o problema. Para tanto, precisamos também, aliado a essas outras ações, pensar a longo prazo. E sempre devemos pensar em Educação. E essa Educação a longo prazo passa pelas escolas, como Ensino Fundamental e Médio.

Realizando essas medidas, poderemos ter mudanças de paradigmas da sociedade atual, e não só oportunidades nos espaços culturais para todos os artistas, homens e mulheres, como a receptividade do público em geral, da sociedade, será voltada para a naturalidade dessa igualdade – o que já deveria existir, mas, infelizmente, não existe.

Problemas estruturais se consertam mexendo na estrutura. Trabalhando-se a consciência dos que foram criados numa sociedade machista e patriarcal, e trabalhando-se a Educação daqueles que serão os próximos consumidores e produtores de conteúdo artístico: as crianças e adolescentes de hoje.

## Referências Bibliográficas

- [1] A importância da Educação Básica (2023). *Instituto Alicerce*. <https://blog.institutoalicerceedu.org.br/educacao-basica>
- [2] Almeida, G. S.; Ferreira, N. P. G.; Santos, M. S.; Santos Júnior, L. S. & Nascimento, Y. N. (2022). Relações de gênero no contexto histórico, social, educacional e artístico. *Revista Educação Pública*, 22(2). <https://doi.org/10.18264/REP>
- [3] Anchieta, I. (2020). Imagens da Mulher no Ocidente Moderno. *Edusp*, 1ª Ed.
- [4] Bento, E (2023). Samba Recife 2023: Confirma programação e ingressos para evento deste final de semana. *JCNE*. <https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2023/09/15596044-samba-recife-2023-confirma-programacao-e-ingressos-para-evento-deste-final-de-semana>
- [5] Brady, A. (2023). Lavinia Fontana. *DasArtes*. <https://dasartes.com.br/materias/lavinia-fontana/>
- [6] Brito, P. (2019). Berthe Morisot, a dama impressionista. *Slaski*. <https://thaislaski.com.br/berthe-morisot-a-dama-impressionista/>
- [7] Bryan, M. (1889). Dictionary of Painters and Engravers: Biographical and Critical. *Art Museum of Harvard University*.
- [8] Carioli, F. (1998). Fede Galizia. *The Sixteenth Century Journal*, 29, 84-86.
- [9] Castanheira, C. (s.d.) Família Médici e a Itália: Quem eram e o que fizeram? *Acordei, quero viajar*. <https://acordeiqueroviajar.com.br/familia-medici-e-a-italia-quem-eram-e-o-que-fizeram>
- [10] Clayton, E. C. (1876). English Female Artists. *Tinsley Bros.*, p. 43 <https://archive.org/details/englishfemalear-00claygoog/page/n1/mode/2up>
- [11] Commire, A. (1999). Women in world history: A biographical encyclopedia. *Waterford, Yorkin Publications*, 1999.
- [12] Constantino, M.; Fraga, E & Souza, L. (s.d.) Agenda Cultural do Recife. *Agenda Cultural do Recife*. <http://agendaculturaldorecife.blogspot.com>
- [13] Cordeiro, A. (2023). Em 95 edições do Oscar, apenas 7 mulheres concorreram ao prêmio de melhor direção. *Cinebuzz*. <https://cinebuzz.uol.com.br/noticias/curiosidades/em-95-edicoes-do-oscar-apenas-7-mulheres-concorreram-ao-premio-de-melhor-direcao.phtml>
- [14] Acervo Caixa Cultural Unidade Recife (s.d.). *Caixa Cultural*. <https://www.caixacultural.gov.br/Paginas/Recife.aspx>
- [15] Dill, V. K (2021). Pittrice Eroina: Elisabetta Sirani e a imagem da artista no século XVII. *UFRS* <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/234214/001135943.pdf?sequence=1>
- [16] Diniz, M. (2016). Mulheres lutam por igualdade, mas problemas históricos persistem. *Agência Brasil*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-03/mulheres-lutam-por-igualdade-mas-problemas-historicos-persistem>
- [17] Draper, H. (2012). Her painting of Apricots: The invisibility of Mary Beale (1633-1699). *Forum for Modern Language Studies*. 48(4), 389-405. <https://doi.org/10.1093/fmls/cqs023>
- [18] Draper, H. (2015). Mary Beale and Art's Lost Laborers: Women Painter Stainers. *Early Modern Women*, 10, 141-151. <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1353/emw.2015.0006>
- [19] Fernandes, F. (2019). A história da educação feminina. *Multirio*. <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/relatorios/14812-a-historia-da-educacao-feminina>
- [20] Fortunati, V.; Pomeroy, J. & Strinati, C. (2007). Italian Women Artists: From Renaissance to Baroque. *Milan: Skira*, p. 173.
- [21] Frederiksen, A. K (2014). Taschen under fire. *Kunstkritykk*. <https://kunstkritykk.com/taschen-under-fire>
- [22] Freire, P. (1999). Educação como prática da liberdade. *Paz e Terra*. 23ª ed.
- [23] Guerrilla Girls (2017). As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo? *Guerrilla Girls Projects*. <https://www.guerrillagirls.com/projects>
- [24] Guerrilla Girls: há 30 anos lutando pela igualdade de gênero no universo das artes (2020). *Hypeness*. <https://www.hypeness.com.br/2017/07/lutando-pela-igualdade-de-genero-no-universo-das-artes-ha-mais-de-30-anos-conheca-as-guerrilla-girls/>
- [25] Gombrich, E. H. (2018). A História da Arte. *LTC*.
- [26] Kleinman, A. (2010). Anna Kleinman Research Files on Rosalba Carriera. *The Frick Collection*. <http://www.frick.org/archives/FindingAids/KleinmanOnCarriera.html>
- [27] Lavinia Fontana, uma das primeiras mulheres a viver de arte (s.d.). *Academia Brasileira de Arte*. <https://abra.com.br/artigos/lavinia-fontana-uma-das-primeiras-mulheres-a-viver-da-arte/>
- [28] Leite, M. (2012). Berthe Morisot em retrospectiva. *Vermelho*. <https://vermelho.org.br/coluna/berthe-morisot-em-retrospectiva/>
- [29] Lindahl, E. (2020). About: The Blank Pages. *EvaMarieLindahl*. <http://www.evamarielindahl.com/about-the-blank-pages/>

- [30] MASP (2019). Histórias das Mulheres: Artistas até 1900. *Museu de Arte de São Paulo*. <https://masp.org.br/exposicoes/historias-das-mulheres>.
- [31] MASP (2019). Histórias Feministas: Artistas Depois de 2000. *Museu de Arte de São Paulo*. <https://masp.org.br/exposicoes/historias-feministas>
- [32] MEC (s.d.). Novo Ensino Médio – Perguntas e Respostas. *Ministério da Educação e Cultura*. <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/40361-novo-ensino-medio-duvidas>
- [33] Mendes, F. (2023). Projeto de Lei propõe revogação do Novo Ensino Médio e criação de outro modelo. *Brasil de Fato*. <https://www.brasildefato.com.br/2023/05/17/projeto-de-lei-propoe-revogacao-do-novo-ensino-medio-e-criacao-de-outro-modelo>
- [34] Milek, B. S. (2021). O espaço das mulheres na História da Arte e a invisibilização da expressionista abstrata Lee Krasner. *Revista A Margem*. v. 18, n. 2. <https://doi.org/10.14393/AM-v18n2-2021-62726>
- [35] Miranda, A. C. L. (2006). A mulher artista na Idade Média: Considerações e revelações acerca do seu lugar na História da Arte. *Revista Científica FAP*. v. 1. <https://doi.org/10.33871/19805071.2006.1.1.1736>
- [36] Morineau, C. (2012). Elles: Women Artists from the Centre Pompidou, Paris. *Seattle Art Museum*.
- [37] Mourão, J. & Silva, L. (2017). (In)visibilidades de Gênero: Práticas feministas na produção artística contemporânea – Entrevista Guerrilla Girls. *Revista Contemporânea*. <https://sub.contemporanea.pt/especial2017/18/>
- [38] Nicolav, V. (2019). Qual o espaço das mulheres na arte? *Brasil de Fato*. <https://www.brasildefato.com.br/2019/12/13/qual-o-espaco-das-mulheres-na-arte>.
- [39] Nochlin, L. (2016). Por que não houve grandes mulheres artistas? *Edições Aurora*. 2ª Ed. / Publications Studio SP, 2016. Disponível em: <http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>. Acesso em 25 dez. 2019.
- [40] NMWA (s.d.). Elisabetta Sirani Biography. *National Museum Women in the Arts*. <https://nmwa.org/art/artists/elisabetta-sirani/>
- [41] Pascoli, L. (1730). Vite de' pittori, scultori, ed architetti moderni. *Per Antonio de' Rossi*. p. 147. <https://archive.org/details/vitedepittoriscu02pasc/page/146/mode/2up?q=garzoni>
- [42] PNLD (s.d.). Programa Nacional do Livro Didático. *Ministério da Educação*. <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>
- [43] MAMAM (s.d.). Acervo do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães. *Blog do Mamam*. <https://blogmamam.wordpress.com/acervo/>
- [44] Probst, M. & Rambaldi, A. K. (2017). As mulheres representadas nos livros didáticos: História do Brasil. *Interfaces Científicas*. v. 5, 123-134. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2017v5n3p123-134>
- [45] Ribeiro, D. (2017). O que é lugar de fala? *Letramento*. 1ª Ed.
- [46] Ribeiro, R. M. (2019). Desigualdade na arte: Obras de mulheres são minoria nos museus do DF. *Metrópolis*. <https://www.metropoles.com/entretenimento/exposicao/desigualdade-na-arte-obras-de-mulheres-ainda-sao-minoria-nos-museus>
- [47] Russo, K. (s.d.). Europe, 1450 to 1789. *Encyclopedia of the Early Modern World*. <https://www.encyclopedia.com/people/literature-and-arts/european-art-1600-present-biographies/rosalba-carriera>
- [48] Sabioni, A. (2018). Arte Feminista. *InfoEscola*. <https://www.infoescola.com/artes/arte-feminista>
- [49] Silva, L. R. G. (2018). Mulheres/Artistas na História da Arte: A busca pelo reconhecimento e visibilidade. *Cadernos de Cultura e Ciência*. 17(1), 52-63.
- [50] Simioni, A. P. C. (2004). Profissão Artista. *Edusp*.
- [51] Simioni, A. P. C. (2011). A difícil arte de expor mulheres artistas. *Cadernos Pagu*. 36, 375-388. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000100014>
- [52] Mary Beale's Biography (2013). *Tate Britain*. <https://www.tate.org.uk/art/artists/mary-beale-2306>
- [53] Tvardovskas, L. S. (2018). Pensando uma estética feminista na arte contemporânea: diálogos entre a história e a crítica da arte com o feminismo. *Revista Estudos Feministas*. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n150693>
- [54] Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). *Unicef*. <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>
- [55] Vasari, G. (1912). The lives of the most eminent painters, sculptors and architects. *Phillip Lee Warner*. Tradução Gaston du C. Vere. 127-128.
- [56] Zoccoli, F. (2003). Benedetta Cappa Marinetti: Queen of Futurism. *Midmarch Arts Press*.

**Bio**

Débora Teixeira Falcão de Oliveira é Pós-Graduada em História da Arte e Cultura Visual pela Universidade Castelo Branco (UCB-RJ) e Graduada em Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Certificada em Arte na Educação Escolar pela plataforma SoEducador do Instituto Nacional de Aperfeiçoamento Profissional em 2023 (INCI). Atuante como Professora de Artes em escolas da rede particular de ensino de Recife desde 2009 no Ensino Fundamental e Ensino Médio.